

1



É com prazer que afirmamos que a decisão profissional mais feliz que tomamos foi a de abrir as portas da Brito Cimino, em setembro do ano passado. Nestes meses de intensa atividade, refletimos e observamos um resultado altamente positivo, sobretudo em razão do contato sempre renovador com nossos artistas representados, da presença solidária e firme dos nossos amigos e do incentivo constante de um público interessado, ávido por conhecer as novidades do acervo. Por falar em artistas representados, registramos a chegada e damos as boas-vindas a Rochelle Costi, que vem se somar ao nosso quadro de artistas. Desejamos que esta publicação, "Caderno 1", estabeleça um alto nível de vinculação com as pessoas que, como nós, têm o mesmo "objeto do desejo": a Arte.

Luciana Brito e Fábio Cimino - março de 1998.



Rochelle Costi



L'inquieta Horus, auto-retrato rubada - 1992 / 1993

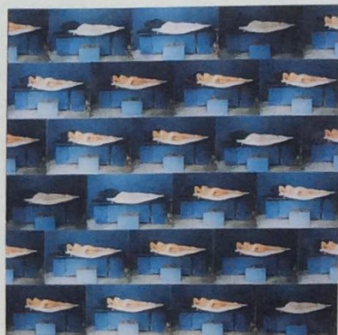
"Sou uma artista plástica." É assim que Rochelle Costi se coloca. Apesar de usar como suporte a fotografia, seu trabalho não se limita a essa linguagem. Vai além, como poucos, no atual cenário da arte contemporânea brasileira. Reconhecimento institucional é o que não lhe falta. Ela acaba de receber da Funarte o prêmio Marc Ferrez. No ano passado, seu trabalho no Arte Cidade 3 foi, com justiça, considerado um dos melhores pela crítica e pelos visitantes que se aventuraram pelas ruínas industriais ao longo da linha de trem na Barra Funda. Internacionalmente, seu trabalho marcou presença em dois eventos de grande importância em 1997: a VI Bienal de Havana e a II Bienal de Fotografia de Tóquio. Nessa sua primeira exposição individual na Brito Cimino, Rochelle nos apresenta, a princípio, um conjunto de obras bidimensionais de grande proporção - fotografias - originado de duas séries distintas, intituladas respectivamente "A Casa" e "Toalhas". "A Casa" é um registro fotográfico em cores de sua própria casa apresentado em cópias-papel de 155cm x 117cm. "Toalhas" é uma série de fotomontagens, finalizadas em impressão eletrostática sobre vinil, medindo 200cm x 132cm cada, realizadas para a Bienal de Cuba. Esse trabalho faz referência direta às toalhas de mesa populares impressas em plástico, e suas padronagens são obtidas através da edição de "naturezas-mortas": fotos de alimentos e flores em decomposição. A artista adicionou a esse conjunto uma fotografia singular, de menor tamanho: um retrato de uma casa de

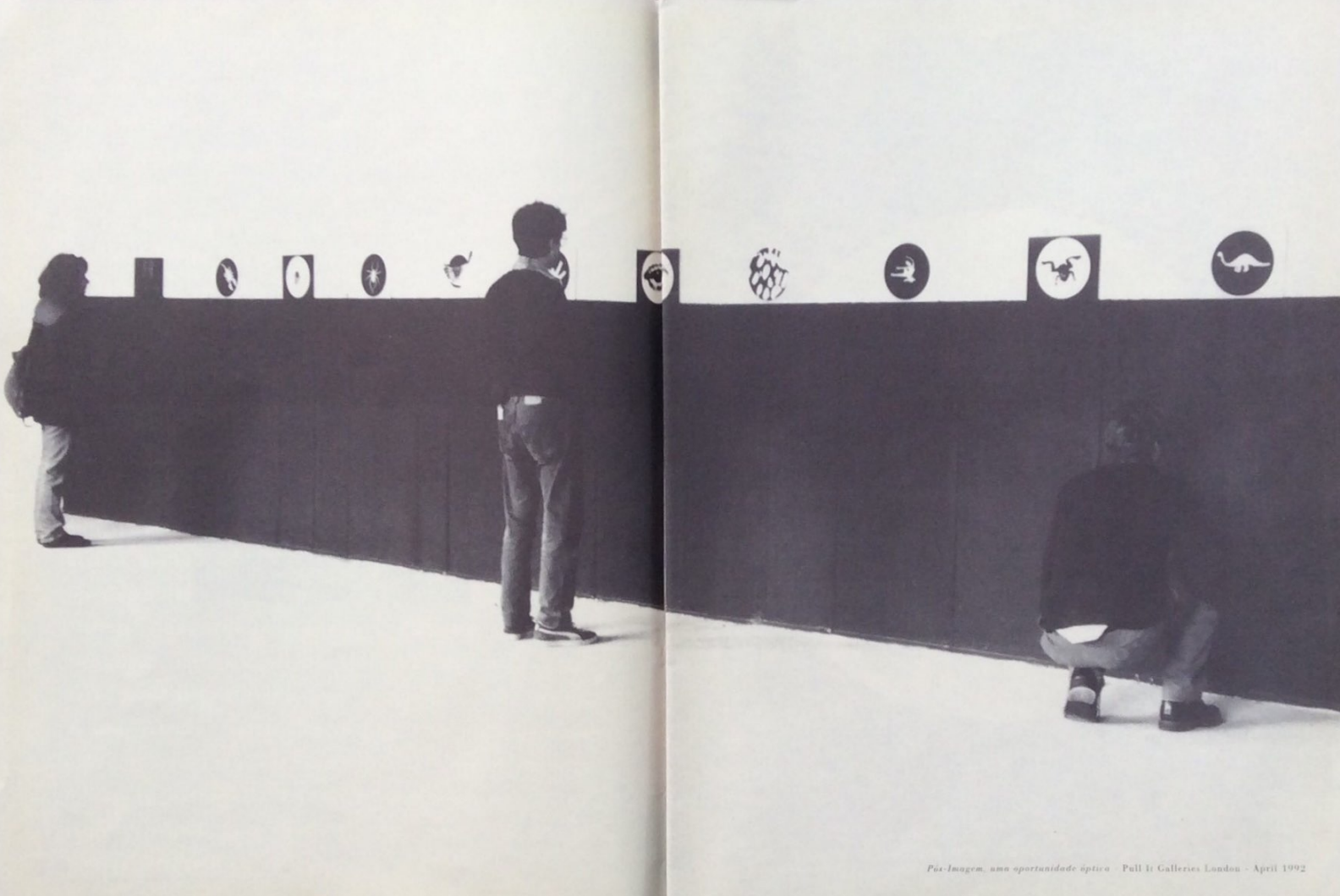
bonecas localizada em uma redondeza bucólica. No entanto, a descrição dessa individual de Rochelle não condiz com o que a artista de fato está expondo, uma vez que esse conjunto de "fotografias" compõe na verdade um espaço. Ou seja, o que vemos na galeria não é uma mera exposição de fotos, mas a configuração de um ambiente na galeria "white cube". Essa mesma intenção em se obter uma montagem espacial também está presente na composição de suas obras, se observadas na sua individualidade. Esse é um dado importante em seu trabalho que vem sendo desenvolvido desde o início desta década. A partir de 1991, a obra da artista conquista uma outra dimensão espacial. Até então, significativa parte de sua produção usava como suporte aparelhos especialmente construídos ou "ready-made" de visualização de imagens: caixas de luz, espelhos, display para cartões-postais, etc. Esses são por natureza meios convergentes que exigem do observador um olhar introspectivo. Dois trabalhos são cardeais nessa transformação que ocorre, não por acaso, quando a artista reside por um ano na Inglaterra. São eles: "Pós-Imagem, uma oportunidade óptica" e "Cinquenta Horas, auto-retrato roubado", este último pertencente ao acervo do MAM - Museu de Arte de São Paulo. Esses trabalhos foram idealizados para serem expostos em uma parede. Por um lado, continuam exigindo um olhar introspectivo do observador; por outro, requerem um deslocamento do observador diante de suas extensões horizontais. Essa "varredura"



"Sou uma artista plástica." É assim que Rochelle Costi se coloca. Apesar de usar como suporte a fotografia, seu trabalho não se limita a essa linguagem. Vai além, como poucos, no atual cenário da arte contemporânea brasileira. Reconhecimento institucional é o que não lhe falta. Ela acaba de receber da Funarte o prêmio Marc Ferrez. No ano passado, seu trabalho no Arte Cidade 3 foi, com justiça, considerado um dos melhores pela crítica e pelos visitantes que se aventuraram pelas ruínas industriais ao longo da linha de trem na Barra Funda. Internacionalmente, seu trabalho marcou presença em dois eventos de grande importância em 1997: a VI Bienal de Havana e a II Bienal de Fotografia de Tóquio. Nessa sua primeira exposição individual na Brito Cimino, Rochelle nos apresenta, a princípio, um conjunto de obras bidimensionais de grande proporção - fotografias - originado de duas séries distintas, intituladas respectivamente "A Casa" e "Toalhas". "A Casa" é um registro fotográfico em cores de sua própria casa apresentado em cópias-papel de 155cm x 117cm. "Toalhas" é uma série de fotomontagens, finalizadas em impressão eletrostática sobre vinil, medindo 200cm x 132cm cada, realizadas para a Bienal de Cuba. Esse trabalho faz referência direta às toalhas de mesa populares impressas em plástico, e suas padronagens são obtidas através da edição de "naturezas-mortas": fotos de alimentos e flores em decomposição. A artista adicionou a esse conjunto uma fotografia singular, de menor tamanho: um retrato de uma casa de bonecas localizada em uma redondeza bucólica. No entanto, a

MARTIN GROSSMANN







Como obter a pôx-imagem: 1. Olhe fixamente para as três pontas da imagem.

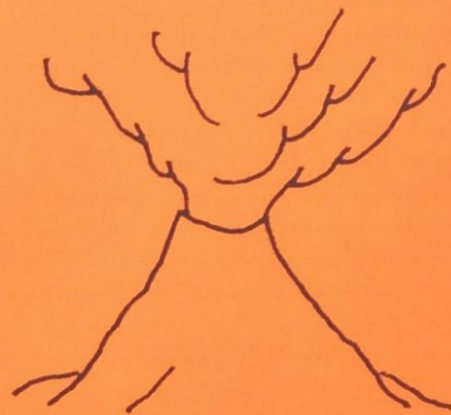
2. Concentre-se enquanto conta até 60. 3. Feche os olhos levemente e olhe para a área preta do papel.





EU FAÇO EU QUERO

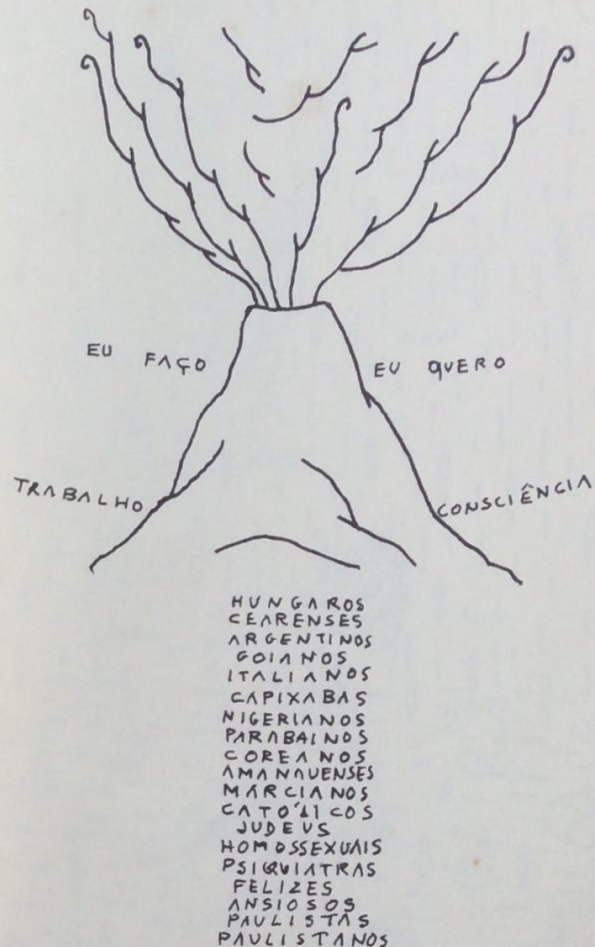
trabalho consciência

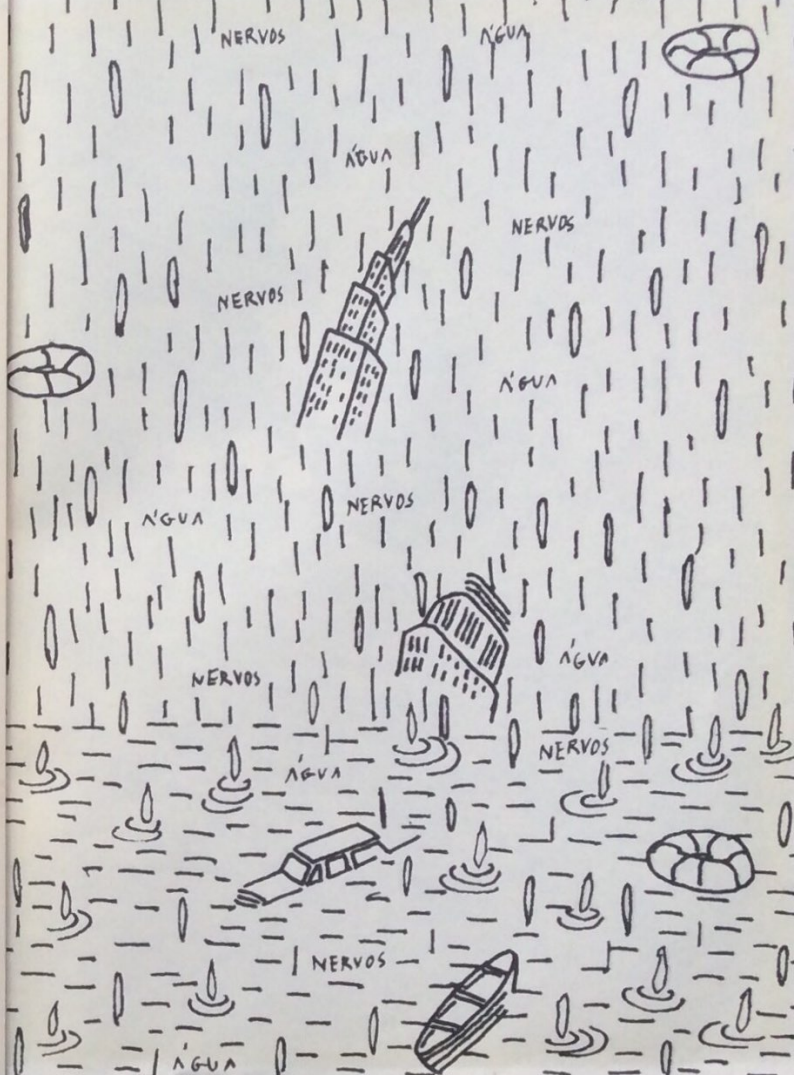


LEONILSON

Leonilson é antes de tudo um trabalhador, pois "problematiza a questão da inserção social do trabalho artístico e de sua inscrição no circuito das produções definidas pela economia contemporânea". Essa evocação feita por Ivo Mesquita em seu ensaio, no livro *"Leonilson: use, é lindo, eu garanto"*, ressalta a qualidade do artista como cronista. Esse "homem do mundo", como já colocado por Lisette Lagnado¹, é um ser consciente de sua própria condição. Leonilson é assim um agente da modernidade, meio cidadão, meio anjo, capaz de lidar com "o transitório, o fugidio, o contingente" e, simultaneamente, com "o eterno imutável". A galeria Brito Cimino é palco para o lançamento em São Paulo de *"Leonilson: use, é lindo, eu garanto"*, esse belo livro editado pela Cosac & Naify. A idealização dessa publicação partiu do Projeto Leonilson, que também responde pela cuidadosa pesquisa e produção. O livro traz, em tamanho natural, 102 desenhos elaborados especialmente por Leonilson para a coluna de comportamento da cronista da Folha de S. Paulo, Barbara Gancia, entre 9 de março de 1991 e maio de 1993. Brito Cimino expõe para a ocasião 93 originais dessa série (nove deles não foram localizados). Esse lançamento é na verdade um acontecimento, pois é fruto da ação conjunta de três entidades culturais não-governamentais em prol, antes de mais nada, do estudo, da preservação e da divulgação da obra de um dos mais representativos artistas brasileiros de sua geração. A base dessa ação é fornecida pelo próprio Projeto Leonilson, entidade sem fins lucrativos, criada logo após a morte do artista. Contando inicialmente com o trabalho voluntário de artistas, críticos, amigos e parentes, esse projeto desenvolveu uma ação cultural inovadora e singular em paralelo à precária estrutura institucional das artes plásticas no Brasil. A competente pesquisa e a diligente catalogação da obra de Leonilson em andamento alimentam a contínua reflexão sobre esse trabalho que é socializada, por sua vez, através de eventos produzidos em parceria com outras instituições culturais. A contribuição da Cosac & Naify Edições é singular. Suas publicações, de altíssima qualidade gráfica e editorial, enfocam as obra de artistas de destaque da arte contemporânea brasileira, iniciativa esta que contribui para a disseminação e valorização dessa produção. A galeria Brito Cimino promove a interface, favorecendo, pela primeira vez em São Paulo, uma visão panorâmica e diversificada deste conjunto de desenhos.

1 Lisette Lagnado, em texto sobre a obra de Leonilson presente no catálogo da representação brasileira na 5th International Istanbul Biennial (1997), considera Leonilson um "homem do mundo", condição essa caracterizada por Baudelaire em seu célebre ensaio "O Pintor da Vida Moderna".







REGINA

Nos últimos anos, temos sido testemunhas de uma empreitada que é provavelmente tão contingente quanto obstinada: a definição de uma entidade cultural que se encaixe na denominação de arte latino-americana. Entre suas dificuldades, inclui-se a própria denominação *a priori*, que espera por aquilo que nomeia e que vem sendo muito invocada, numa espécie de exercício divino de criar a coisa ao nomeá-la. Entre a instabilidade própria de qualquer definição e o fato da mesma inexoravelmente remeter ao definidor (e neste caso há muitos), a empreitada complica-se cada vez mais. Mas a persistência permanece. No Norte, histórias mitificadas em cabeças voltadas à aventura e ao exotismo resultam em estereótipos, frequentemente grosseiros e inconsistentes, se não ingênuos. Interesses de mercado, por outro lado, ajudam a sustentar essa linha de argumentação fantasiosa e simplista. Também uma genuína inquietação intelectual pesquisa muitas vezes determinadas construções simbólicas regionais e atua metonimicamente, outorgando ao todo as conclusões parciais. No Sul, a necessidade urgente de definir, redefinir e reconstruir identidades nacionais, regionais e continentais, com base num leque ideológico multicolor, deram ao tema um arsenal de aproximações: desde a certeza fundamentalista simplificadora e dogmática, até as teias mais complexas, onde definir perde todo o sentido. Sem aspirar a uma exposição genealógica da necessidade de se encontrar a própria entidade em questão, a mesma parece ser basicamente uma circunstância originada nas demandas sócio-políticas e econômicas que determinaram as relações intercontinentais com (e da) América Latina. Não se trata tanto da procura de um ser essencial que nos determina, como um processo de existir em certas experiências e necessidades comuns. Definir é limitar, é controlar. Nos processos sucessivos e periódicos de conquista e emancipação que a América Latina viveu e vive ainda, controle e demarcação são um exercício político que aparentemente não desaparecerá num futuro muito próximo. Pelo menos por agora, é essa a forma que tomou o "diálogo". Entretanto, como a história não é uma coisa estática, mas recriada a cada instante que passa, a cultura visual latino-americana torna-se cada vez mais um mutante inacessível, diverso e complexo, ativado e alimentado pela digestão desse "diálogo". Nestes dias, a artista brasileira Regina Silveira está fazendo sua própria tentativa de definição e a exibe no NU Art Museum, um espaço em Chicago pertencente à Universidade de North Illinois, planejando mostrá-la também em São Paulo, no mês de setembro. Malabarista das ilusões visuais, Silveira caracteriza-se por um discurso baseado em paradoxos, no qual os sistemas perspectivos são alterados para permitir variações de acordo com múltiplos pontos de vista. Sombras gigantes e deformadas projetam-se em superfícies quebradas, convocando imagens por ausência. Dessa vez, toda sua sabedoria ilusionista transforma a sombra num fato conceitual, já que não há nenhuma sombra representada. São imagens que de alguma forma podem ser entendidas como uma sombra projetada por nós, latino-americanos, e à

SILVEIRA

qual ao mesmo tempo nos ajustamos para nos acomodarmos dentro dela. Um enorme quebra-cabeça estende-se na parede em forma irregular. São fragmentos de imagens fotográficas em preto e branco, que resgatam e misturam todos os fenômenos latino-americanos que se tornaram mito e estereótipo. De Carmen Miranda a Che Guevara, de Gardel a Pelé, do papagaio ao sol, de Colombo à Igreja, de Frida Kahlo ao candomblé, da dança ao sacrifício, e assim até o infinito. As peças do *puzzle* - que em inglês também quer dizer confundir e estar perplexo - foram feitas para mudar de posição, permitindo tantas versões como combinações possíveis com mais de 100 peças. Essas se encaixam perfeitamente na forma, mas as imagens são sempre fragmentos aglutinados por contraste ou acaso, sem possibilidade de reconstruir completamente qualquer das figuras. O futebol e Niemeyer, os mariachis e os militares, as armas e os pré-colombianos, isso tudo a América Latina é e não é. Assim se vê hoje, em que o quebra-cabeça está armado dessa forma, e será o que for amanhã quando Regina Silveira o rearmar de outra forma. "*To be continued...*" (*Continua...*) é o título da obra. É também um vaticínio: o crescimento ao infinito do mesmo e o outro por vir somando-se poderá significar que admita somente olhares parciais, fragmentados, que obviamente serão diferentes, conforme de onde e de quem vem o olhar. Enquanto isso, o panorama global transforma-se numa textura, uma trama que varia seus tons e matizes. Assim como todas as linguagens dentro desse quebra-cabeça são diferentes, também o são cada encontro na fronteira de uma peça com outra, desenhando uma nova imagem comparável com os híbridos que Garcia Canciani considera como signos que identificam o que é latino-americano. Essa obra de Regina Silveira tem grande eficácia de síntese, seu poder metafórico permite que o olho veja facilmente o que a cabeça tenta que fazer mais esforço para discernir. Como conjunto, esse sistema de vetores narrativos diferentes e simultâneos parece que vai nos levar a uma abstração, porém - como acontece em toda a obra de Regina Silveira - sua inclinação pela paródia nos remete a um lado neobarroco que clama pela subversão das aparências. "*To be continued*" é ainda um posicionamento da artista em outra problemática análoga à definição de identidades, a posição da América Latina no que diz respeito à modernidade e à pós-modernidade. Sem dúvida, esse quebra-cabeça, através da fragmentação, questiona a possibilidade de explicar o todo, e isso está de acordo com a pós-modernidade, mas ao mesmo tempo o faz exibindo a nostalgia modernista de experimentar essa totalidade. Mais uma vez, Regina Silveira dá crédito ao sentido do amálgama onde os tempos não são necessariamente lineares e as histórias alternam suas hierarquias em função dos momentos, dos atores e dos narradores. No entanto, seria um erro inferir desse agnosticismo que a artista está renunciando a todo potencial crítico da modernidade. Pelo contrário, essa obra reclama, adverte e reivindica uma plataforma, da qual a América Latina possa exercer um diálogo com autonomia.

Nelson Leirner

PROCURADO VIVO OU VIVO



Já se disse que, em outros tempos, costumava-se vestir com calças ou saíotes até mesmo as pernas dos pianos. Parece que estamos voltando a isso. Minha impressão ganha força quando tomo conhecimento do lamentável evento da apreensão, por força da decisão do Juízo da 1ª Vara da Infância e da Adolescência, no Rio, da série "Trabalhos Feitos em Cadeira de Balanço Assistindo à Televisão", do artista Nelson Leirner. Trata-se de uma série formada por 36 posters com crianças vestidas de flores e bichos, da fotógrafa Anne Gueddes, sobre os quais Leirner desenhou cenas eróticas. Decisão infeliz. Leirner - eu imaginava - dispensa apresentações. Sabe-se que ele foi, durante as décadas de 60 e 70, um dos mais combativos e intransigentes artistas, engajado no dismantelamento do gigante repressivo e defensor, precisamente, da liberdade de expressão. Coerência e integridade sempre foram marcas suas; a mera observação (atenta) do seu trabalho atual o demonstra. Leirner mudou-se para o Rio há um ano, onde dá aulas de "expressão em multimeios" no Parque Lage, para mais de 100 alunos. Em São Paulo, é representado pela galeria Brito Cimino, que exibirá a produção de Leirner em agosto. Conversamos por telefone: FRANCISCO DE CASTRO: Nelson, fale-me da experiência de ser professor no Parque Lage, do contato que você tem com pessoas de variadas idades e formações. NELSON LEIRNER: Trata-se de uma experiência muito diferente da que vivi em São Paulo, onde dei aulas, por 25 anos, na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP. Consideradas as duas atividades, vejo, na atual, vantagens e desvantagens. Da primeira, destaco o maior espírito de liberdade que encontro no Parque Lage, tanto no que diz respeito à minha atitude como professor, quanto na postura dos alunos, mais receptiva e, sobretudo, menos ansiosa por um diploma - fato que era muito comum na FAAP. Os alunos do Parque de fato estão interessados em conhecer as possibilidades expressivas dos meios que estão à sua disposição. Nos encontros, fala-se de tudo: arte, filosofia ou amor - há um universo muito mais rico a ser explorado. Na verdade, fazem pensar naquelas aulas vagas, sem programas, que surgiam e se desenvolviam a partir do contato dos participantes. Por outro lado, existe uma certa carência de organização, e em alguns casos, faltam recursos materiais nas oficinas. Em suma, as

condições são mais precárias, mas eu me sinto muito bem nessa nova função. FRANCISCO DE CASTRO: O recente episódio do Salão Nacional vai figurar, por força de ordem judicial, na "História das Transgressões"? Entendo que é apenas mais uma entre tantas bobagens, tributária de desinformação generalizada, aliada a uma certa má-fé que se aninha no seio do nosso autoproclamado Estado liberal, de vocação notadamente hipócrita. Qual o seu sentimento a respeito? NELSON LEIRNER: Há, em todo o mundo, e de maneira mais grotesca entre nós, uma onda de "neomoralismo", que na verdade encobre uma atitude perigosamente próxima do fascismo. Esse tipo de mentalidade, aliada a uma politicagem barata, onde o homem público envolvido em política usa qualquer artimanha para manter o poder, propicia essas situações. Tenho para mim que o meu caso surgiu da tentativa de autopromoção de um deputado que diz presidir uma certa "Comissão de Assuntos da Mulher, da Criança e do Adolescente" e é também membro da Comissão de Cultura da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Ora, uma pessoa envolvida em organismos tão importantes para a vida sócio-cultural da comunidade deveria estar algo mais embasada no sentido de poder emitir juízos críticos, mormente quando está em desacordo com uma expressão artística. Fiquei chocado ao tomar conhecimento de certas manifestações no corpo do processo: "Considero que a obra descrita em nada contribui para a cultura do nosso Estado". Sinto-me ofendido nos meus 40 anos de arte. Entretanto, considerando bem as coisas, trata-se de um nicho de idéias de ultradireita, ameaçando a liberdade de expressão, pressuposto básico de toda e qualquer democracia. FRANCISCO DE CASTRO:

Há algum tipo de mobilização em torno dessa polêmica? NELSON LEIRNER: Já existe, em Paris, um abaixo-assinado pela intelectualidade francesa, a ser veiculado pelo Le Monde. No Rio, a direção da escola do Parque Lage coletou assinaturas de um expressivo número de artistas e intelectuais, que se irão somar aos de São Paulo. Há um documento de desagravo, anexo a um abaixo-assinado, na galeria Brito Cimino. *É melancólico ter de discutir idéias com Nelson Leirner em tais circunstâncias. Nesse vazio ético e estético no qual a mediocridade manda, perguntamo-nos a razão pela qual a atenção da Justiça à arte de Nelson. Perguntamo-nos, mais, por que não atraem atenção certos programas de televisão, em geral às quatro da tarde, nos quais se podem apreciar pré-adolescentes imitando Carla Perez, meneando suas cadeiras infantis até muito, muito perto do famigerado "bico da garrafa", para deleite dos próprios pais. Dá para comparar? Note-se que não se trata de censurar o trabalho da Carla Perez, muito menos a inocente dança das meninas: todas essas manifestações podem e devem continuar livres de cerceamento, bem como a obra de um artista importante como o Nelson. Será que há corporações demasiadamente poderosas gravitando em torno desses ritos para que esses sejam objeto de atenção? É que dizer de monumentais campanhas publicitárias baseadas na perversão da imagem de crianças e adolescentes? Na verdade, o consumo gerado por tais fenômenos explica a indiferença quanto aos mesmos. Aceito-os como expressões espontâneas de seus portadores, assim como exijo que o fazer artístico de Nelson Leirner seja visto com o respeito que merece sua história de lutas.*

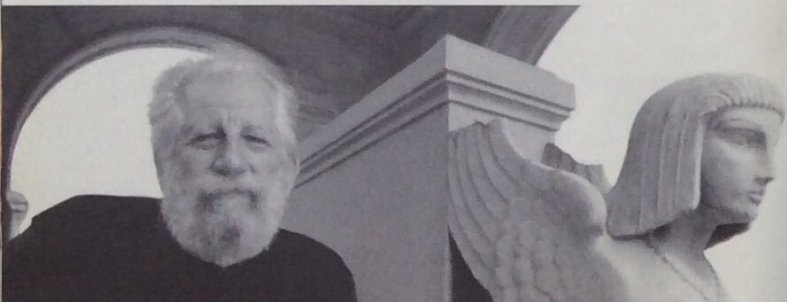


Foto: Jamie Stewart-Granger



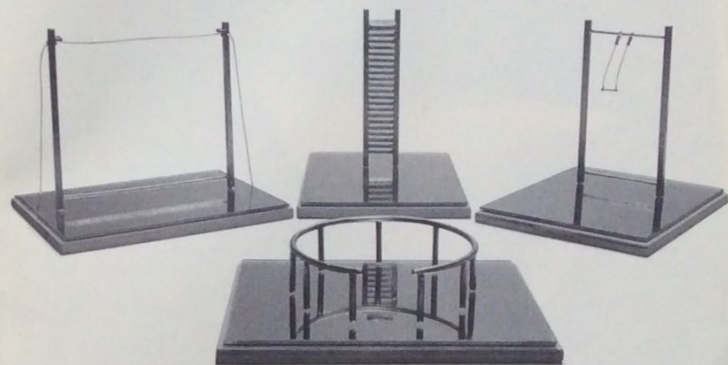
MÔNICA NADOR E REGINA SILVEIRA NO PROGRAMA COMUNIDADE SOLIDÁRIA

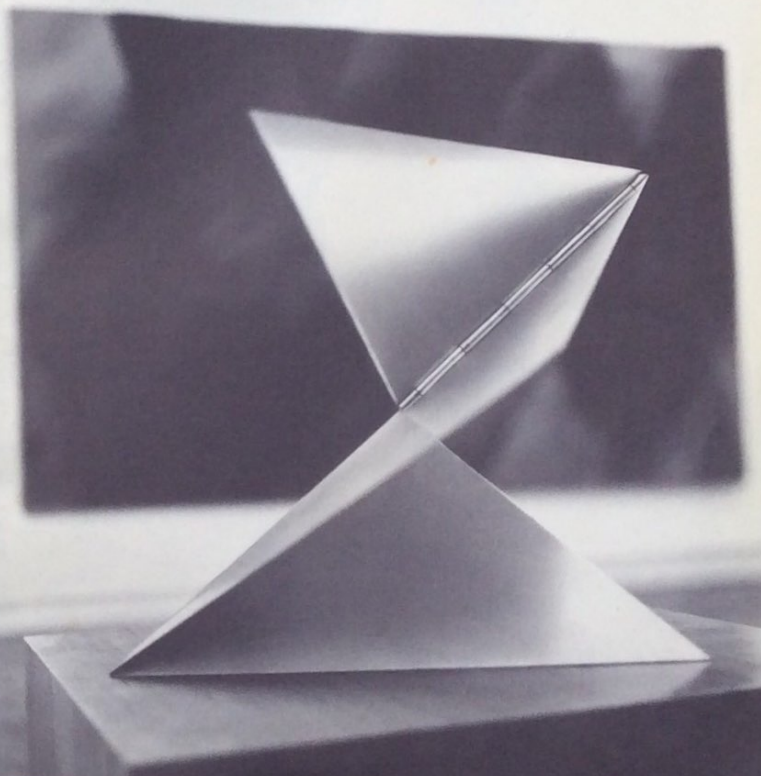


O Programa Universidade Solidária é o resultado de uma parceria entre instituições públicas e privadas com o objetivo de sensibilizar estudantes universitários, levando-os a desenvolver programas educativos em municípios pobres do Norte e Nordeste do Brasil. O Programa é promovido pelo Conselho da Comunidade Solidária, com o apoio do MEC e do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, e está no terceiro ano de implementação. Neste ano, foi desenvolvido um programa cultural, o Projeto Móvel de Cultura e Meio Ambiente, cujo objetivo é integrar as diversas manifestações culturais brasileiras junto às comunidade de 112 municípios do Norte e Nordeste. O segmento de artes plásticas do Programa contou com a participação das artistas Mônica Nador e Regina Silveira, ambas representadas pela galeria Brito Cimino. Mônica Nador esteve nas cidades Coração de Maria e Nilo Peçanha, no interior da Bahia. Na primeira, pintou o coreto da praça principal e, na segunda, realizou uma pintura mural na sede do grupo folclórico Zambiapunga, importante centro comunitário do município. Foram realizados workshops, que incluíram a população local ao trabalho. O "Quebra-Cabeça da América Latina (Continua...)", de Regina Silveira, foi apresentado nos municípios: Altinho (Pernambuco), Teotônio Vilela (Alagoas), Tomar de Geru (Sergipe) e Conde de Jaguaribe (Bahia). A socióloga Silvia Espírito Santo e dois assistentes da artista, Eduardo Verderame e Roberto Gorgati, acompanharam a obra, realizando workshops em cada cidade. A montagem do quebra-cabeça com a participação da comunidade funcionou como uma provocação poética para a proposição de um trabalho plástico análogo, realizado pelo público participante. Foram laboratórios de curta duração em cada um dos municípios visitados. Esses laboratórios foram chamados de "Re-quebra cabeça".

ESCULTURA DE ANA MARIA TAVARES - PRÊMIO MULTICULTURAL ESTADÃO

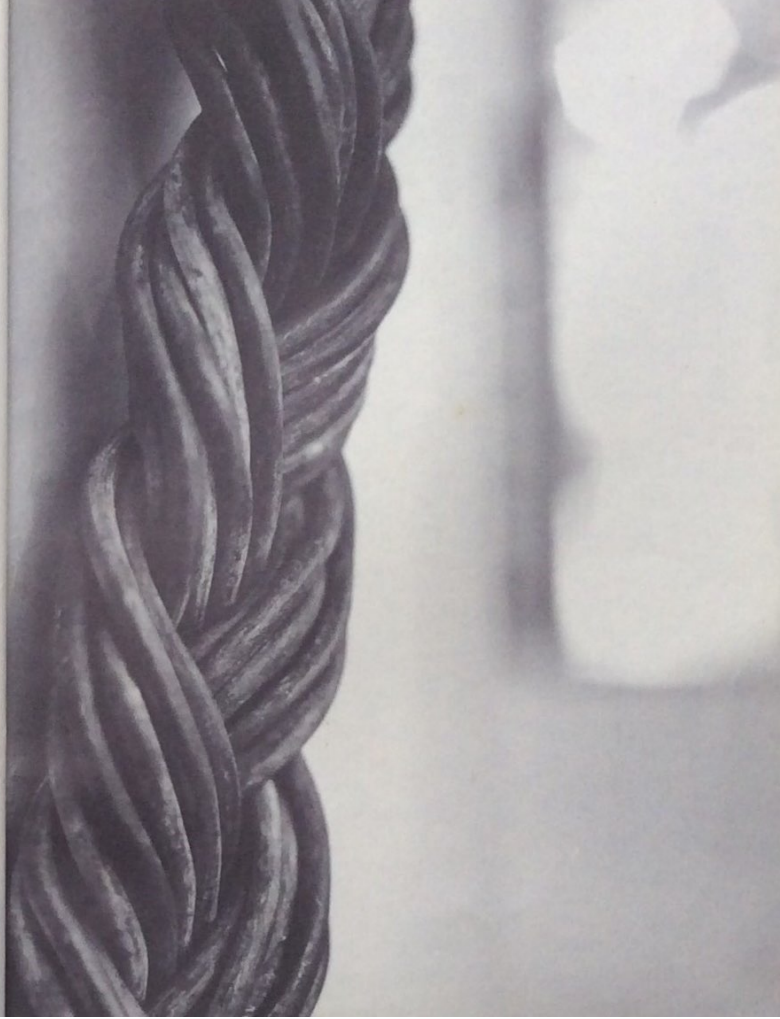
Ana Maria Tavares é a artista vencedora da concorrência para criação e execução do troféu para o Prêmio Multicultural Estadão de 1998. A entrega dos prêmios será em 19 de maio próximo e tem como objetivo destacar e incentivar personalidades no cenário cultural do Brasil. Para esse troféu, a artista partiu do princípio de que a cultura se dá através da atuação das várias áreas do pensamento humano, usando assim a imagem do circo e dos artistas de *picadeiro* como metáfora para comentar a interdependência e complementaridade dos vários setores que compreendem a cultura. Ana Maria Tavares criou quatro peças únicas, confeccionadas em prata e intituladas "*Acrobata*", "*Trapezista*", "*Equilibrista*" e "*Picadeiro*". "Cada um dos quatro premiados receberá uma parte de um todo, da mesma forma que suas atuações em áreas específicas contribuem para formar aquilo que podemos chamar de cultura brasileira", conclui a artista. Essa proposta está vinculada aos conceitos presentes na produção recente da artista: "a escultura como amparo do corpo". Em outubro de 1997, Ana Maria Tavares realizou a exposição individual "*Porto Pampulha*" no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte: um conjunto de 31 esculturas em aço inox que transformava o antigo cassino de Oscar Niemeyer em um espaço de passagem, um porto, onde o observador era convidado a interagir e a contemplar a obra, a arquitetura e a paisagem circundante. Esses conceitos estarão também presentes na mostra que a artista está preparando para outubro deste ano para o Museu Brasileiro da Escultura - MUBE, SP.





Comunicação: Marcia Marcondes.
Fotos PB: Galeria Brito Cimino, por Romulo Fialdini.
Impressão gráfica: Takano.

Esta publicação é uma iniciativa da Brito Cimino Arte Contemporânea e Moderna. Tem a coordenação de Luciana Brito e Fábio Cimino e colaboração dos artistas representados e da equipe da galeria.



BRITO CIMINO

ARTE CONTEMPORÂNEA E MODERNA